



Estudos Semióticos - número quatro (2008)

Análise semiótica de uma carta de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro

Raquel Torres GURGEL
(Universidade Federal Fluminense)

RESUMO: Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro mantiveram intensa correspondência entre 1912 e 1916. Este trabalho apresenta, com base na semiótica francesa, a análise de uma carta escrita por Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; carta; Fernando Pessoa

ABSTRACT: *Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro wrote constantly to each other between 1912 and 1916. Using the conceptual framework of French semiotics, this paper presents an analysis of a letter written by Fernando Pessoa.*

KEYWORDS: *semiotics; letter; Fernando Pessoa*

1. INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro trocaram correspondências entre outubro de 1912 (ano em que se conheceram) e abril de 1916 (ano da morte de Sá-Carneiro). Durante este período, poucas foram as vezes em que se encontraram pessoalmente, de modo que as cartas foram seu maior canal de comunicação, além de base sobre a qual se consolidou a amizade. Pela leitura das cartas, percebe-se que elas tratavam quase sempre de questões artísticas – textos ainda inéditos ou idéias para novos trabalhos eram submetidos à aprovação do outro – e das tristezas e inquietudes que ambos compartilhavam.

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, em 1888. Apesar de ter publicado apenas dois livros em vida, ele é hoje considerado um dos mais importantes poetas portugueses e o interesse pela sua obra se deve, em grande parte, à existência de seus heterônimos. Não se trata simplesmente de pseudônimos, já que nomes como Alberto Caeiro e Ricardo Reis não eram apenas assinaturas dos poemas. Eles possuíam biografias próprias, com data de nascimento, profissão e até mapa astral, além de características bem individuais no que diz respeito a seus textos.

Sá-Carneiro nasceu em 1890, também em Lisboa. Aos 19 anos foi estudar em Coimbra, na Faculdade de Direito, onde conheceu Fernando Pessoa. Antes de completar o primeiro ano do curso, seguiu para Paris. Foi entre 1912 e 1916 que escreveu a maior parte do que hoje compõe a sua obra, entre contos, romances e poemas. Com Pessoa e outros colegas, idealizou em 1915 a revista literária *Orpheu*. A revista, um marco do modernismo português, era financiada pelo pai de Sá-Carneiro e só pôde ter dois números publicados, devido ao escândalo que provocou na sociedade portuguesa à época.

Em 1916, sem dinheiro e tomado por desespero, o poeta escreveu algumas vezes a Pessoa comunicando o suicídio que estaria por vir. Enviou também ao amigo todos os seus escritos, pedindo que os publicasse como lhe parecesse melhor. Em abril do mesmo ano, faleceu após ingerir uma alta dose de estriçnina, observado pelo amigo José Araújo, a quem havia pedido para testemunhar sua morte.

A partir destas biografias e da obra dos dois escritores, é possível conhecer algumas de suas características e afirmar que eles possuíam traços comuns. Ambos se mostravam preocupados, por exemplo, com questões existenciais, com a busca constante pelo “eu” e pela “verdade”. Este trabalho tem como objetivo apresentar, em uma carta escrita por Pessoa a Sá-Carneiro, elementos que comprovem essa busca¹.

2. O PERCURSO GERATIVO

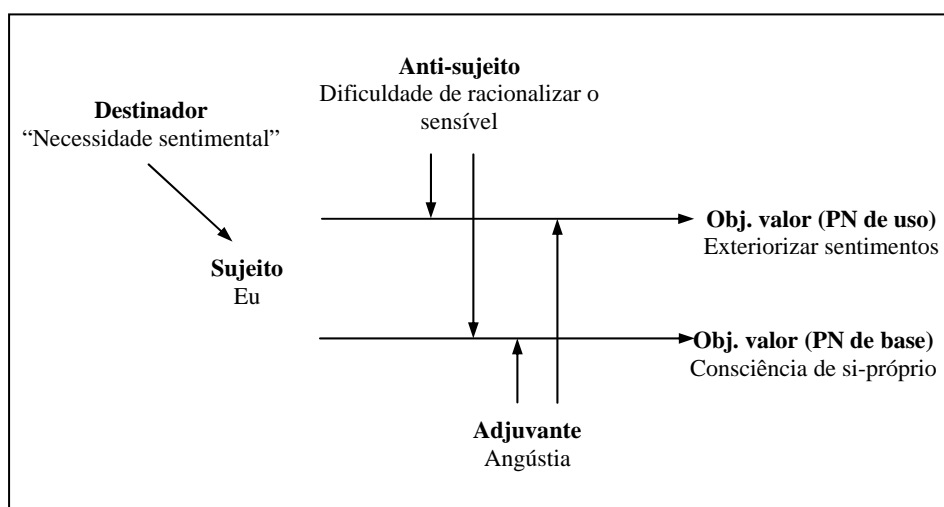
De uma carta escrita a um amigo, se espera em geral um tom de intimidade. Aqui, o sujeito da enunciação se projeta no enunciado normalmente por meio de debreagens enunciativas: o texto é escrito em primeira pessoa (com a projeção do “eu” narrador e do “tu” narratário) e o tempo do enunciado é concomitante com o agora da enunciação. Isso realça um efeito de sentido de aproximação e subjetividade que se acentua no início e no fim da carta (“Meu querido Sá-Carneiro” e “Milhares de abraços do seu, sempre muito seu”). Já o espaço projetado é, ora aqui, ora lá (“é a de cá”; “no jardim que entrevejo”), o que terá implicação na análise, como será visto adiante.

O nível narrativo se organiza da seguinte maneira: no programa de base, o sujeito, “eu”, vai em busca do objeto-valor “consciência de si-próprio”, o que se depreende do PS da carta (“Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo, com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais, com toda a sua histero-neurastenia fundamental, com todas aquelas intersecções e esquinas na consciência de si-próprio que dele são tão características”). Numa tentativa de entrar em conjunção com este objeto, o sujeito busca, de alguma forma, exteriorizar o que sente. Esta busca é motivada por uma “necessidade sentimental” (“Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental”), que, nessa medida, figura como o destinador da ação.

Assim, existe também um programa de uso em que o objeto modal é a “exteriorização dos sentimentos”. Se este programa resulta na conjunção, o sujeito adquire um “poder-fazer” e se aproxima do objeto do seu programa de base. A conjunção com o objeto modal, por sua vez, torna-se um adjuvante nesse processo.

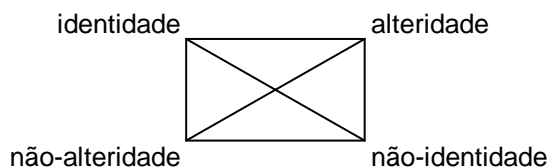
Há, no entanto, um obstáculo inevitável: a dificuldade em racionalizar o sensível (“De que cor será sentir?”). O sujeito reconhece a impossibilidade de se mostrar por inteiro através de palavras (“Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera”). Mas quanto mais intenso e mais incômodo é o que se sente – por exemplo, a dor –, maior a facilidade em percebê-lo. Logo, a angústia descrita neste texto é um adjuvante para que o sujeito alcance os objetos-valor de ambos os programas, o de uso e o de base.

Um esquema do nível narrativo pode ser observado a seguir.



Para o narrador, a angústia está sempre no *eu*, no *aqui* e no *agora*, ao passo que o sossego está no *outro*, no *algures* e no *então*: “A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá, e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento”; “Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar”; “Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno”.

Há sempre um paralelo entre o “eu” e o “outro” e, portanto, a categoria semântica do nível fundamental é *identidade/alteridade*.



No nível discursivo, à identidade está associada a angústia e, à alteridade, o sossego. O interessante de se observar aqui é como esse fato produz uma certa estranheza quando se leva em conta, no nível fundamental, a orientação axiológica do quadrado semiótico: apesar de estar ligada à tristeza, a identidade é sem dúvida o eixo eufórico. Na carta, o caminho que se pretende percorrer parte do encontro com *o outro* – da busca pela interlocução – para chegar à identidade, ou seja, ao encontro *consigo próprio*. Assim, o direcionamento geral do texto parte da *alteridade* para a *identidade* (alteridade, não-alteridade, identidade). Tanto é assim que, no nível narrativo, o objeto valor do programa de base é a “consciência de si-próprio”. Na mesma linha, o objeto do programa de uso é “exteriorizar sentimentos”, algo inerente à troca com *o outro*. Assim, a /identidade/, ainda que discursivamente ligada à angústia, é o pólo positivo e a /alteridade/, ainda que ligada ao sossego, é disfórica. Não por acaso, voltando ao nível narrativo, a “angústia” tem papel de adjuvante em ambos os programas de base e de uso.

Uma isotopia temática da depressão é bastante presente ao longo de todo o texto: “depressão”, “angústia”, “sofrimento”, “doer”, “mágoa”, “triste”, “partido”, “tragédia”, “desassossego”, “loucura”, “abandono”, “psiquismo”. Para ultrapassar o anti-sujeito (a dificuldade de racionalizar o sensível) e conseguir exteriorizar seus sentimentos, o sujeito lança mão de algumas formas de figurativizá-los. Duas isotopias figurativas, dialogando com a da tristeza, são importantes neste sentido.

A primeira, “náutica” (“margens do rio”, “navios”, “portos”), é bastante comum entre poetas e escritores portugueses. Aqui, representam-se os estados de alma como portos e a própria alma como barcos. A conclusão de que não há como viver sem sofrimento se apresenta desta maneira: não há portos “para a vida de não doer”. Ou seja, existem muitos estados de alma, mas em todos a dor está presente. A figura das margens do rio (“A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá”) é usada ainda para mostrar que a razão deste sofrimento é saber que não há como escapar dele, porque ele é inerente ao *eu*.

A segunda é a da infância (“criança”, “brincar”, “brinquedo”, “balouços”, “jardim”). Enquanto a figura da criança está normalmente ligada a uma atmosfera de felicidade, aqui se constrói um paralelismo muito claro entre essa isotopia e a da tristeza (“triste”, “bateu”, “partido”, “um canto”). Desse paralelismo surge uma imagem de criança triste de que o autor se serve para descrever sua própria condição, como confessa ao fim do terceiro parágrafo (“... a minha vida sabe a valer isto”).

No *PS* da carta, o narrador reconhece que se saiu bem ao tentar exteriorizar seus sentimentos: “Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo,

com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais [...]”. Desta forma, a sanção atribuída a ele pelo destinador é positiva, no que diz respeito ao programa de uso. A relação entre o sujeito e o objeto-valor do programa de base, por sua vez, não chega a ser sancionada, já que a performance não chega ao fim. E isso faz todo o sentido, na medida em que a busca pela “consciência de si-próprio” é um processo contínuo e inerentemente inacabado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo dessa carta mostra-se coerente com a temática da obra de Fernando Pessoa e com o próprio surgimento dos seus heterônimos. Em carta de 1935 a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa comenta:

A origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. [...] Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram ou se sou eu que não existo. Nestas cousas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). [...] Cousas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.²

A análise da carta a Sá-Carneiro demonstra muito propriamente essa inquietação de Pessoa quanto ao que é real e esclarece o papel que atribui à angústia no processo da busca por si mesmo. Essa sensação, em geral tida como negativa, é indispensável para o escritor, uma vez que a partir dela é possível perceber-se.

NOTAS

¹ A carta que ora submetemos à análise se encontra em sua versão integral, em anexo, no final do presente artigo.

² Disponível em QUADROS, Antônio. *Fernando Pessoa, Obra Poética e em Prosa*. Porto, Lello & Irmão, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1997.
QUADROS, Antônio. *Fernando Pessoa, Obra Poética e em Prosa*. Porto: Lello & Irmão, 1986.
SÁ-CARNEIRO, Mario de. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO

Lisboa, 14 de março de 1916

Meu querido Sá-Carneiro:

Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental – uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto – que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Estou num daqueles dias *em que nunca tive futuro*. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida de não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a minha consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a Vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

No jardim que entrevejo pelas janelas caladas do meu seqüestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a ideia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estilo, é o meu estado de alma neste momento. Como à veladora do “Marinheiro”, ardem-me os olhos, de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a goles, por interstícios. Tudo isto está impresso em tipo muito pequeno num livro com a brochura a descobri-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as coisas de nexos históricos que aí vão saíram espontâneas do que me sinto. Mas você sentirá bem que esta tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávina – cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar.

Pode ser que, se não deitar hoje esta carta no correio, amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no *Livro do Desassossego*. Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

As últimas notícias são estas. Há também o estado de guerra com a Alemanha, mas já antes disso a dor fazia sofrer. Do outro lado da Vida, isto deve ser a legenda duma caricatura casual.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao com que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos da alma, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu

Fernando Pessoa

P.S. – Escrevi esta carta de um jacto. Relendo-a, vejo que, decididamente, a copiarei amanhã, antes de lha mandar. Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo, com todas as suas atitudes sentimentais e intelectuais, com toda a sua histero-neurastenia fundamental, com todas aquelas intersecções e esquinas na consciência de si-próprio que dele são tão características...

Você acha-me razão, não é verdade?

Como citar este artigo:

GURGEL, Raquel Torres. Análise semiótica de uma carta de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro. **Estudos Semióticos**. [online] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editor Peter Dietrich. Número 4, São Paulo, 2008. Acesso em "dia/mês/ano".
